

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ELLEN CRISTINA GOMES DE BRITO

**FESTIVAL DUELAS: O PROTAGONISMO FEMININO E A SUBVERSÃO DE
PAPÉIS NA CENA DO FUNK CARIOCA**

NITERÓI

2024

ELLEN CRISTINA GOMES DE BRITO

**FESTIVAL DUELAS: O PROTAGONISMO FEMININO E A SUBVERSÃO DE
PAPÉIS NA CENA DO FUNK CARIOCA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Produção Cultural, como requisito parcial para
conclusão do curso.

Orientadora:

Prof. Marina Bay Frydberg

Niterói

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B862f Brito, Ellen
FESTIVAL DUELAS : O PROTAGONISMO FEMININO E A SUBVERSÃO DE
PAPÉIS NA CENA DO FUNK CARIOCA / Ellen Brito. - 2024.
44 f. : il.

Orientador: Marina Frydberg.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2024.

1. Funk carioca. 2. Djs mulheres. 3. Protagonismo feminino.
4. Produção intelectual. I. Frydberg, Marina, orientadora.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **trinta de agosto do ano de dois mil e vinte quatro**, às **dezessete horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **FESTIVAL DUELAS: O PROTAGONISMO FEMININO E A SUBVERSÃO DE PAPÉIS NA CENA DO FUNK CARIOCA**, apresentado por **Ellen Cristina Gomes de Brito**, matrícula **617033045**, sob orientação do(a) **Dra. Marina Bay Frydberg**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Marina Bay Frydberg**

2º Membro: **Ma. Julia Ricciardi Lima**

3º Membro: **Me. Jackson Jacques**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 9,5

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Documento assinado digitalmente
gov.br MARINA BAY FRYDBERG
Data: 30/08/2024 18:30:42-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Marina Bay Frydberg
Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente, e principalmente, aos meus guias, que me permitiram e me deram força para que eu chegasse até o final da minha jornada acadêmica. Laroyê Exu por todos os caminhos abertos para que eu conseguisse concretizar a minha função dentro da Produção Cultural através das várias oportunidades de trabalho que eu tive na área.

Agradeço a minha forte, ainda que pequena, rede de apoio por terem me ajudado a não desistir mesmo com alguns desvios ao longo do caminho: minha mãe, Drika e Ramon.

Aos meus pais, por todo o investimento na minha educação para que eu conseguisse cursar uma faculdade, todo o meu esforço para a conclusão do curso não foi nada comparado ao esforço de vocês na minha criação.

Aos amigos que fiz nesta trajetória acadêmica e nossas incríveis aventuras UFF adentro, sem vocês nada disso teria valido a pena e eu não teria me tornado quem sou hoje. E, também, aos amigos de longa data que jamais me deixaram esquecer de onde eu vim.

Aos meus filhos, Benjamin e Dante, por serem a principal motivação para alcançar o que eu almejo, todos os dias.

A minha orientadora por toda atenção, respaldo e muita paciência para que a realização deste projeto fosse possível.

Ao Oi Futuro e a Versa Cultural que me abriram as portas para que eu pudesse me desenvolver profissionalmente e me encontrar dentro da produção cultural

RESUMO

Este trabalho consiste na criação e realização do festival “Duelas” que contempla performances em duplas de DJs mulheres da cena do funk carioca, contribuindo para o fortalecimento do protagonismo feminino e subvertendo o papel dessas artistas dentro do próprio gênero musical. As mulheres frequentemente enfrentam barreiras para obter visibilidade e reconhecimento no cenário musical predominantemente masculino, e muitas vezes faltam oportunidades para consolidação de carreira; o festival pretende refletir e amenizar essa desigualdade, oferecendo um evento dedicado exclusivamente às artistas femininas. Além disso, serão ofertadas oficinas destinadas a DJs mulheres, focadas em técnicas de mixagem, a fim de proporcionar um espaço acessível de profissionalização, compreendendo não apenas a escassez de formação adequada, mas também a visível necessidade de equiparação entre gêneros neste mercado, utilizando este espaço de formação para fomentar a atuação das mulheres no segmento.

Palavras Chaves: Funk carioca, DJs mulheres, protagonismo feminino.

ABSTRACT

This project involves creating and organizing the "Duelas" festival, which features performances by female DJ duos from the Rio de Janeiro funk scene. The festival aims to strengthen female empowerment and subvert the role of these artists within the genre. Women often face barriers to visibility and recognition in the predominantly male music industry, and opportunities for career consolidation are frequently lacking. The festival seeks to address and mitigate this inequality by offering an event dedicated exclusively to female artists. Additionally, workshops will be offered to female DJs, focusing on mixing techniques to provide an accessible space for professional development. These workshops aim to address not only the lack of proper training but also the evident need for gender parity in the industry, using this training space to promote women's participation in the field.

Keywords: Funk Carioca, female DJs, female leadership.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE 1 - MEMORIAL CONCEITUAL	10
BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO FUNK E A INSERÇÃO DAS MULHERES NA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA	11
TRAJETÓRIA PESSOAL - A NECESSIDADE DO PROJETO	20
PARTE II - O PROJETO	23
APRESENTAÇÃO	24
OBJETIVOS	26
Objetivo Geral	26
Objetivos Específicos	27
ESTRUTURA DAS OFICINAS	28
JUSTIFICATIVA	31
ESTRATÉGIAS DE AÇÃO / CRONOGRAMA	34
PLANO DE COMUNICAÇÃO / DIVULGAÇÃO	36
ACESSIBILIDADE	39
DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO	41
ORÇAMENTO	42
FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

O projeto apresentado nas páginas subsequentes foi concebido dentro de um formato projetual, estruturado com base nas diretrizes da Lei Rouanet, uma escolha fundamentada pela familiaridade adquirida ao longo de um ano de trabalho como assistente de projeto. A Lei Rouanet, reconhecida por sua abrangência e confiabilidade, oferece uma base robusta que favorece tanto a execução quanto o alcance das iniciativas culturais propostas. Este projeto também inclui um memorial, que se dedica a documentar e refletir sobre o processo de concepção, desenvolvimento e as escolhas que orientaram a sua construção.

O projeto propõe a criação e realização de um festival musical dedicado a performances de DJs mulheres no funk carioca, no intuito de abordar e mitigar a desigualdade de gênero dentro do cenário musical.

PARTE 1 - MEMORIAL CONCEITUAL

BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO FUNK E A INSERÇÃO DAS MULHERES NA INDÚSTRIA FONOGRAFICA

O início da história do funk¹ no Brasil, se configura a partir da entrada e consumo da cultura norte-americana no país. O que hoje conhecemos como gênero musical funk foi proveniente da ressignificação dos gêneros antecedentes, que se instaurou na década de 1960 por meio da globalização, possibilitando essa influência cultural e midiática, principalmente nos eixos metropolitanos.

Os escravizados negros estadunidenses da primeira década do século XX, ao se deslocarem para os centros urbanos levaram em suas vozes o blues, que ganhou novos acordes e instrumentos quando chegou na metrópole dando origem então ao *rythm and blues*. A partir da tentativa de se distanciar do blues, buscando novas práticas sonoras por parte dos produtores musicais, têm-se a junção do *r&b* com o *gospel* desencadeando no que denominamos como *soul*.

O *soul music* embalou e representou movimentos por direitos civis da população negra, entoado por grandes nomes da música, como James Brown. O gênero passou a ter sentido político com a apropriação do termo *funky*, que num primeiro momento carregava o peso de seu uso pejorativo, mas logo depois se constituiu como forma de resistência ao preconceito racial. Em contraponto, os negros se apropriaram da gíria que passa a ser utilizada como definição de estilo de vida em todas as esferas, e o funk se torna símbolo de orgulho da identidade étnica; acabando por disseminar o engajamento da cultura da valorização do negro.

Segundo Vianna (1997), o *soul* chega no Brasil ecoando essa esfera política em relação ao ativismo negro norte-americano e passa a ser referência para assumir uma identidade cujo principal instrumento era a música, junto ao movimento *black*². Como forma de se apropriar tanto das lutas quanto dos novos estilos sonoros, nascem os bailes funk que atuavam como manifestação cultural ligada à prática musical, num espaço comum de resistência e de lazer. O baile funk consolidou-se em seu formato atual, céu aberto e ocupando as ruas, em consequência do “baile da pesada”, que eram festas organizadas pelo discotecário Ademir Lemos e pelo

¹Essa breve história do funk foi feita a partir dos seguintes autores: Hermano Vianna, Guilherme Barbacovi Libardi e Christian Barcelos Carvalho Lima Beschizza.

² Movimento que foi proeminente no final dos anos 60 e início dos anos 70, enfatizando o orgulho racial e a criação de instituições políticas e culturais negras para cultivar e promover interesses e valores coletivos.

locutor de rádio Big Boy, e ocorriam tradicionalmente no Canecão, na Zona Sul do Rio de Janeiro. O baile acabou por sofrer restrições administrativas de caráter preconceituoso e racista, uma vez que o espaço de consagração da MPB não poderia estar diretamente ligado a manifestações de cunho popular, sobretudo periférica e negra. Por isso, os organizadores são forçados a transferir essas festas para clubes no subúrbio, fazendo com que sua realização ganhasse rotatividade, já que passa a acontecer em um bairro diferente a cada semana e é difundido por todo o município do Rio. Com a conquista de novos públicos, novos bailes passam a se desenvolver.

É nesse cenário de expansão que surgem as equipes de som, encarregadas por organizar bailes mais acessíveis para a população local. A partir da necessidade em perpetuar, novamente, a preocupação com a cultura negra em geral, e a formação da identidade negra³ se têm o despertar do interesse da imprensa brasileira em 1976, e como consequência dessa visibilidade na mídia, a indústria fonográfica manifesta seu desejo pelo universo das equipes de som. Discos das equipes mais bem-sucedidas são lançados, e surge a proposta de criar um soul nacional pela necessidade de “abrasileirar” o movimento e pela premissa de substituir a exclusividade musical norte-americana nos bailes. Porém há um fracasso imenso em questão de vendas dos discos desses artistas, com exceção de Tim Maia, fazendo com que a indústria fonográfica se redirecione para um outro estilo: o disco.

A configuração dos bailes passa a ser alterada no que se diz respeito ao ideário do orgulho negro, há um distanciamento da proposta Black Rio e as equipes de som passam a acompanhar a febre da discoteca, veiculado pelo sucesso dos filmes de John Travolta. Nesse período, início da década de 1980, que se concebe a divisão dos bailes que se fragmentam em dois âmbitos da discotecagem: discos de soul e disco e a reprodução da nova black music estadunidense.

Para contextualização do tema de pesquisa presente, é importante pontuar a responsabilidade e o papel dos DJs no surgimento de novas vertentes do que entendemos como funk. Com o surgimento do hip-hop, nova tendência nos EUA, os DJs tinham uma grande concorrência interna quanto a apresentação de seu

³ Por influência dos bailes das populares equipes de som Soul Grand Pix e Black Power.

repertório, já que a todo momento eles, enquanto equipe, buscavam montar bailes característicos, sucessos que outra equipe não teria. A fim de agregar essa exclusividade, tais discos eram buscados no exterior, sobretudo nos EUA pela influência cultural hegemônica estadunidense. Para que essa curadoria fosse possível nas condições tecnológicas da época, era realmente necessário o deslocamento até o país em questão. Um destino comum para o viajante que saía do Brasil no propósito de trazer discos de artistas em ascensão de lá era Miami, onde surgia uma vertente do hip-hop chamada Miami Bass.

É quando, na virada de 1990, DJ Malboro ⁴vence o concurso nacional de DJs e é premiado com uma viagem para Londres, de onde trouxe referências dessa nova vertente que se configura a partir da mudança estrutural técnica do funk, caracterizado por batidas rápidas e graves com conteúdo lírico sexualmente explícito. Posteriormente, também, através de um aparelho eletrônico doado por seu amigo pessoal Hermano Vianna, ⁵introduziu-se efetivamente o subgênero; Miami Bass passa a ser influência principal do DJ que incorpora técnicas de sampling e de rap dos DJs dos EUA.

Segundo Vianna (1997), a entrada desse novo ritmo marcou a mudança dos bailes funks em sua estrutura, e o impacto do hip-hop pôde ser percebido pelo surgimento da figura do MC, que é responsável por cantar ou fazer rap com suas próprias letras sobre um trecho sonoro⁶ que o DJ dispõe. A partir daí o MC passa a ser responsável pelo manejo do microfone, e fazer a interlocução com o público com performances intimistas, uma proximidade que antes era rara a função do DJ e por isso acabam atuando como uma dupla. Dessa tentativa em dupla de simular a vertente em questão, compreendemos a origem do funk carioca como prática musical.

Com a figura do MC em destaque, a perspectiva de ganhar a vida artisticamente fazendo sucesso passou a fazer parte do imaginário do jovem favelado, que via nos festivais da galera⁷ uma oportunidade de iniciar sua carreira.

⁴ Nome artístico de Fernando Luís Mattos de Matta, que é cantor, DJ, compositor e empresário brasileiro tido como criador do estilo musical conhecido como funk carioca.

⁵ Antropólogo e pesquisador musical que contribuiu com a ampliação da visibilidade do funk carioca como cena cultural.

⁶ Técnica conhecida como sampling.

⁷ Evento criado para unir apreciadores do gênero funk na década de 90 que contribuiu para o crescimento do movimento e o surgimento de grandes artistas, também contava com realização de ações sociais.

De mesmo modo, nem todos participavam e interagiam com as atividades dos festivais no mesmo propósito. A competitividade promovida acabava por fomentar uma agressividade resultante na violência coletiva, e alguns bailes passaram a se designar exclusivamente a realização desses conflitos, que recebiam o nome de bailes de corredor. Não demorou muito tempo para que a mídia tomasse partido a documentar, como mais uma forma de oficializar a repressão sofrida por toda essa classe. A cobertura sobre o arrastão de 1992 foi um exemplo vívido sobre a projeção pública da marginalização e demonização da figura do funkeiro, que agregou ao termo um sentido conotativo de violência. O governo passa a proibir e restringir realizações dos bailes funks, e em represália o funk passa a ser acolhido por líderes criminosos dos morros, surgindo então o *proibidão*. A vertente se firma na temática da afirmação do poder dos traficantes, exaltando facções criminosas e provocando comunidades inimigas.

A nacionalização do funk, a partir da inclusão de músicas em português, não excluiu o fato das bases musicais continuarem sendo procedentes dos sucessos internacionais. Ainda assim, o ritmo só passa a ter uma identidade própria com o surgimento do tamborzão e a aproximação do ritmo do funk ao samba e outros ritmos brasileiros. Mesmo com as inúmeras tentativas de represálias, o funk foi ganhando cada vez mais espaço na mídia. É na década de 1990 que ele passa a ser difundido através de emissoras de rádio, com destaque para a equipe Furacão 2000, que ganha um programa em rede nacional. Sua aparição em grandes veículos de comunicação começa em programas de auditório e depois segue caminho nas telenovelas, servindo de trilha sonora. Esta inserção na televisão e a grande difusão do funk fez com que surgisse o funk melody, com o intuito de aumentar seu espaço de aceitação na mídia de massa nos horários nobres da televisão brasileira.

Sobretudo a influência da visibilidade do funk no início do século, foi predominantemente pelo jornalismo impresso, por meio de revistas. A temática geralmente girava em torno do discurso nas músicas, das danças hipersexualizadas que ocorriam nos bailes e da análise comportamental de MCs. E à medida que o funk ganhava espaço nas capas de revistas orientadas ao público adulto masculino, com inúmeras edições na Playboy, ficava explícito o lugar que era oferecido às mulheres no mundo musical. A representação da mulher passa a ficar no comando do homem, reproduzida e justificada segundo BORDIEU (2003) a partir da

dominação masculina proveniente do papel que a família tem como base da sociedade.

Entre as mulheres ligadas à cena funk, Tati Quebra-Barraco se destaca por não conferir em sua performance o papel de musa, aquela que se assemelha a deslumbre figura idealizada pelos homens, caracterizada por um padrão estético que é branco, primordial para aceitação positiva na mídia, acabando por contribuir com essa premissa machista.

Compreendemos assim que a representação do corpo feminino sob o olhar-outro fica refém da objetificação e sua configuração subjugada enquanto ser-musa; cumprindo e ocupando o verdadeiro espaço em que se espera ocupar, negadas como criadoras têm-se o status de intérprete sem a expertise técnica.

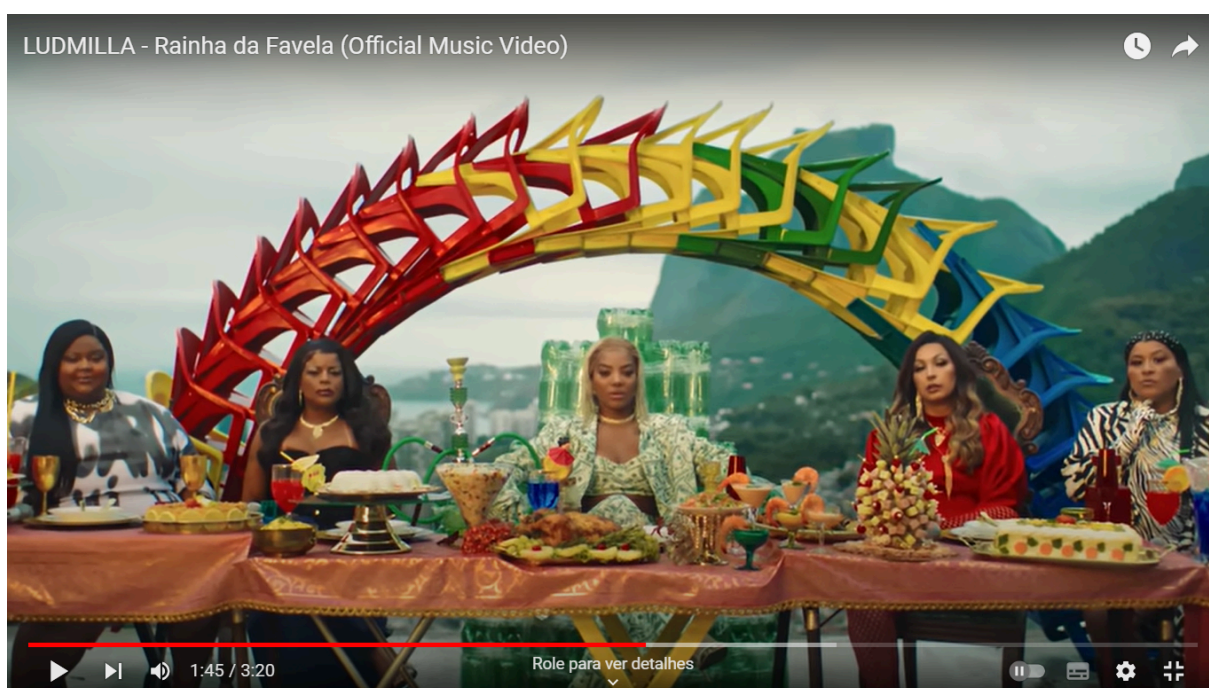
Tudo, na gênese do habitus feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetificação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. (BOURDIEU, 2007, p.77).

É notório a estranheza da posição de Tati quanto ao seu discurso isento de censura e pudor ao abordar e ser porta voz da liberdade sexual feminina, como uma mulher que não se adequa aos padrões poderia ter a audácia de falar sobre um assunto que vai contra a moral? Se essa mulher não se esforça para se adequar a esse lugar que o é oferecido, e se essa mulher se nega a ser exemplo de como se comportar para ter a oportunidade de ter sua fala ouvida, é porque não há oportunidade de verdade. Segundo Juliana da Silva Bragança (2013), uma vez que a atual configuração do movimento funk carioca dá-se pela massiva circulação de letras de músicas de cunho erótico/sensual/sexual, entendemos que o papel da mulher nesse meio representativo é ambíguo quanto ao real motivo que levam essas mulheres a se comportarem artisticamente do jeito que fazem.

Duprat (2008) ao afirmar que a inspiração e a sedução feminina podem oferecer, pelo menos na música, uma libertação da mulher, transfere o peso da liberdade sexual à consciência da sexualidade. Então a conquista feminina envolta do campo da sexualidade seria mesmo uma conquista ou uma apropriação do corpo da mulher por parte do mercado fonográfico visando o lucro?

A partir daí surgem alguns nomes que usufruíram veementemente desta premissa desafiando normas de gênero dentro do funk e que, até hoje, compõem o cenário musical, como por exemplo: Valesca Popozuda, Tati Quebra-Barraco, Mc Carol, Mc Nem, Mc Katia e muitas outras.

Essas mulheres, dentre tantas outras, ajudaram a moldar o funk carioca, trazendo novas perspectivas para o gênero ao mesmo tempo em que precisaram se estabelecer em um campo dominado por homens.



Print do clipe “Rainha da Favela” da Ludmilla em 2021 onde a cantora faz uma homenagem às precursoras do funk.

O surgimento dos duelos e batalhas, por exemplo, enfatiza a diferença de abordagem a partir do gênero, onde, enquanto os homens traziam vivências e denúncias relacionadas a questões sociais e sistemáticas em forma de combate, já as mulheres submetiam suas realidades a partir do lugar de competição feminina. Agora voltado não estritamente ao próprio corpo, mas ao lugar de poder dentro de relações amorosas, subjugando novamente as mulheres a um lugar de serventia e submissão.

Podemos ilustrar tal afirmação com base na música “Duelo 2” da Mc Katia e Mc Nem, com o seguinte diálogo:



MC Katia e Mc Nem - Duelo 2 - Furacão 2000: Tsunami #24

- Oi da palinha de marquinha
- Oi da palinha de Hematoma
- Quem é você sua chifruda?
- Vou te mostrar sua safadona
- Você tem que se contentar que ele nunca vai ser só seu
- Mas para tê-lo do seu lado, tem que ser

mais mulher que eu.

Para além desses embates, a visualização do panorama das DJs mulheres se costura da mesmíssima forma, porém atravessa o campo do discurso e se estrutura a partir das condições e noções de trabalho. Muito mais que entoar temáticas que compõe a realidade de milhares de mulheres, as DJs conferem um espaço que até então não é possível de conquistar. O pré-requisito, por exemplo, para se tornar DJ, ignorando as habilidades técnicas nesse momento, se assemelha à construção da figura feminina no funk. Bem como a valorização de performances em suas apresentações para permanecer e assumir tal posição, e ser detentora de características que moldam o perfil midiático.

Visto que o processo de reconhecimento e validação profissional é respaldado na necessidade de performances de gênero, faz-se necessário compreender o ponto de partida da construção desse parâmetro que confere às mulheres um local de conflito sobre influência das relações de poder na execução do seu ofício, a produtora e socióloga Maria Gabriela de Toledo Dayeh, Dj Dayeh, afirma em matéria ao G1 (2024):

"Muitas MCs trilharam caminhos no funk para a gente estar aqui agora, não é de hoje que tem mulher no funk - sempre teve. A diferença é o acesso e as condições que ela tem para cantar. Se o cara te chama para cantar, e ele não vai te comer, muitas vezes ele não vai te chamar de novo nem sequer lançar a música."

Segundo dados do IBGE/PNAD (2003-2011) representado por gráficos de profissionais da música segundo o sexo, a participação masculina é de 87% de 112.367 em 2003 e de 85% de 108.127 em 2011 de um total 127.972 que se

declarava músicos intérpretes ou regentes, compositores, arranjadores e musicólogos. E na análise do perfil dos profissionais da música segundo as condições de sexo e raça, entre 2013 e 2011, têm-se um crescimento de 26% da participação de mulheres brancas e de 28% de mulheres pardas (ao mesmo tempo que há uma redução de 42% do número de mulheres que se declaram negras). Por isso conclui-se que o campo da música é predominantemente constituído por homens brancos.

Segnini (2014) afirma que o mundo musical enquanto trabalho, seja ele duradouro, formal ou intermitente, é atravessado pela diferença nas formas de vivenciar o campo artístico a partir das trajetórias de homens e mulheres. Uma vez feito o recorte socioeconômico, fica inteligível a importância do funk enquanto propulsor de subsistência e do fazer artístico, dado as possibilidades de serviços que circundam a realização da manifestação cultural; que acaba por se configurar igual quanto a predominância masculina na análise desse território.

A escassez de profissionais femininas consolidadas na cena, é reflexo de o mercado de trabalho ser pautado por uma premissa machista e historicamente enraizada, já que a ocupação desse espaço enuncia a posição de poder daqueles que estão em sua maioria. Este fator implica diretamente no conteúdo a ser produzido e como ele irá chegar, uma vez que a aprovação masculina passa a ser ponto fundamental para a consolidação do livre exercício da profissão DJ, e de algumas outras que não vale o aprofundamento nesta pesquisa.

Digamos que foi conferida uma oportunidade de emprego na área, e ainda que os dois profissionais, de gêneros diferentes, estejam aptos e dentro dos critérios previstos e requisitados para prosseguir com a vaga, é notório que a competência técnica feminina passa a ser questionada a fim de invalidar a comprovação desses conhecimentos, pautado na mesma reafirmação de conquista espacial. Ou seja, mesmo que estejam em páreo, os homens continuam sempre um passo à frente em toda oportunidade que se proponham a competir. Nesse sentido de disputa, podemos mensurar o entendimento sobre divisão social do trabalho a partir de Hirata e Kergoat quando apresentam dois princípios organizadores:

...o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 599.

E, ainda, para obterem um lugar de destaque, independente do esforço para ultrapassar as barreiras de gênero e dos avanços tecnológicos amparados na redistribuição de tarefas (HIRATA E KERGOAT, 2007), essas mulheres teriam que apresentar além das capacidades exigidas, “um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo” (BOURDIEU, 2007); é designado intuitivamente que se faça mais do que o esperado para os DJs homens. BORDIEU (2007) apresenta a masculinização como nobreza e sua respectiva anexação no campo profissional como consequência, sobretudo subjacentemente, nas posições oferecidas às mulheres.

Se a estática estabelece que as profissões ditas qualificadas caibam sobretudo aos homens, ao passo que os trabalhos atribuídos às mulheres sejam “sem qualificação”, é, em parte porque toda profissão, seja ela qual for, vê-se de certo modo qualificada pelo fato de ser realizada por homens (que, sob esse ponto de vista, são todas, por definição, de qualidade). (BOURDIEU, 2007, p. 75-76).

Ainda há, como se observa, um longo e dificultoso caminho a ser enfrentado para avançar nas conquistas de territórios e consolidar as carreiras artísticas das mulheres na cena musical dentro do funk carioca.

TRAJETÓRIA PESSOAL - A NECESSIDADE DO PROJETO

Entrei no curso de produção cultural na Universidade Federal Fluminense, em 2016.2, no campus de Rio das Ostras. Lá pude vivenciar a realidade dos campus universitários afastados do “polo principal”, e minha experiência foi marcada por uma carência de apoio institucional para a realização de eventos e projetos culturais, onde nem a própria universidade oferecia suporte para tais feitos. Essa situação revela um quadro de desafios que vão além da simples falta de recursos financeiros, a ausência de políticas de incentivo cultural e de uma infraestrutura adequada limita as possibilidades de desenvolvimento cultural nesses espaços, restringindo o acesso dos estudantes a experiências enriquecedoras que vão além do currículo formal. Nesse contexto, os próprios estudantes se veem compelidos a se organizar em coletivos e grupos autônomos, assumindo a responsabilidade de fomentar a vida cultural no campus.

Esses coletivos emergem como agentes fundamentais na promoção de eventos, oficinas, e outras atividades que não só preenchem a lacuna deixada pela ausência de apoio institucional, mas também criam um senso de comunidade e pertencimento. Uma vez que os integrantes desses coletivos faziam parte do meu ciclo de amigos, eu sempre estava inserida nesses espaços e me via na obrigação de ajudar com o que eu podia, e que neste caso, era meu fascínio pela música sobretudo pelo funk carioca.

Como forma de “tapar buraco” na realização de um evento, já que o valor arrecadado não contemplava a contratação de profissional capacitado, me aventurei a ser responsável por comandar a música da festa. Após a grande adesão do público, passei a tocar em todos os eventos organizados pelos coletivos e acabei me tornando DJ de forma autodidata.

Após um período em Rio das Ostras, precisei solicitar transferência de campus para estar mais próximo a minha cidade natal por questões financeiras e em 2017.1 entrei na UFF de Niterói. Aos poucos a notícia de que eu era DJ foi se espalhando e tomando forma à medida que fui ocupando espaços, até então, inimagináveis e de fato me consolidando como artista. A proporção foi tamanha que me tornei DJ residente da Atlética de Artes e Comunicação Social. E foram nesses ambientes que estreitei relações de embate de gênero pela primeira vez, a partir do

contato com eventos mais bem estruturados, que me levaram a ter um olhar crítico com relação à necessidade de profissionalização por demandas técnicas que eu não possuía, como conhecimentos de cabeamento e equipamentos. Essas demandas colocaram meu trabalho a um lugar de inferioridade e dificultaram diálogos com técnicos de som, por exemplo, onde os mesmos se referiam a mim com insatisfação, sempre ressaltando que nós, mulheres, precisávamos de auxílio para entregar o básico.

Pensei em levar essas problemáticas a colegas de trabalho como forma de questionamento, porém, por estar iniciando na cena, não tinha muito contato com outras DJs. Aos poucos, compreendi que esta razão se dava não unicamente pela falta de experiência pessoal, mas estrategicamente proposital. Uma vez que se uma DJ fizesse parte do line up de um evento, a inserção de outras DJs era totalmente dispensável. Fazendo com que a contratação de atrações de DJs do gênero feminino fosse uma espécie de preenchimento de cota.

Foi somente em 2019 que pude compreender a dinâmica dessas práticas de cunho machista ao participar de uma oficina de introdução a mixagem básica para mulheres na antiga Void de Madureira oferecida pelas DJs Bia Marques, Glau Tavares, Evehive e Yvie. O intuito da oficina era passear por noções básicas da vida DJ como por exemplo o mercado de trabalho, plano de carreira, como lidar com contratantes, médias de valores de um cachê digno e, também, noções técnicas como estrutura musical, a funcionalidade de equipamentos populares, o uso dos principais softwares e como montar repertório musical para apresentações. Toda essa dinâmica foi oferecida em um ambiente acolhedor como troca de conversas, de trajetórias e perrengues; esse evento teve um impacto significativo para mim, uma vez que me proporcionou a oportunidade de vivenciar um conjunto de experiências compartilhadas que eu anteriormente havia experimentado de maneira isolada.

Durante a pandemia, pude conhecer o projeto TPM, ofertada pela DJ Miria, que consiste em uma oficina, geralmente de seis horas e para dez meninas, na qual é ensinado às meninas a técnica de mixagem. Esse projeto geralmente ocorre na cidade de São Paulo, porém, devido ao isolamento social, Miria fez uma edição online com abrangência nacional. E eu, afim de coleccionar conhecimento, participei.

Já em 2021, me inscrevi no curso de formação de DJs oferecido pela Urban Work The ResponSA, idealizado pelo DJ Julio Rodrigues e DJ Nobrunomix, projeto que promove e divulga a prática da Discotecagem, valorizando o Hip Hop na cidade do Rio de Janeiro. O curso tinha como foco o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes que favorecessem a atuação dos alunos como profissionais. A grade abrange as referências e origens da discotecagem como montagem dos equipamentos; compreensão sobre tempo, ritmo, compasso e contagem de BPM; os tipos de áudio e suas aplicações; treinamento para percepção das expectativas e interesses musicais do público presente na pista; o mercado de trabalho e aulas de marketing pessoal nas mídias sociais. Vale citar também que o projeto é direcionado a iniciantes com foco em jovens de baixa renda e classes sem representatividade no mercado de DJs.⁸

8

Disponível em:
<https://www.tupi.fm/rio/projeto-urban-work-the-responSA-forma-mais-de-100-alunos-em-curso-de-dj-no-rio/>.

PARTE II - O PROJETO

APRESENTAÇÃO

É necessário compreender o impacto cultural que os festivais de música proporcionam desde tempos antigos quando as pessoas se reuniam em prol da comemoração de eventos importantes como casamentos, rituais religiosos e até mesmo colheita sempre com música e dança. O Brasil teve seu primeiro grande festival de música em 1965, conhecido como Festival da Música Popular Brasileira (ou Festival de MPB), promovido pela Rádio e TV Record.

E, assim como nos demais movimentos culturais, o contexto político e cultural da época no Brasil é fundamental para que entendamos como se dá o desenvolvimento do movimento já que “as manifestações musicais não podem ser plenamente compreendidas sem o contexto cultural que lhes originou, pois é ele quem fornece os referenciais para sua compreensão” (GHEZZI, 2011, p. 16).

A partir de então, o mercado da música independente no Brasil continuou se fortalecendo como um potente campo da produção cultural que se fortaleceu pelo senso coletivo, com o surgimento de novas bandas e artistas que posteriormente alcançaram espaços de destaque e reconhecimento.

No entanto, não podemos afirmar que o sucesso de um artista independente está diretamente ligado à sua presença no circuito de festivais, mas é importante compreender a relevância que a sua participação nesses espaços traz para sua carreira, assim como ocorreu na década de 1960 com o desenvolvimento de movimentos culturais a carreiras artísticas concomitantemente.

Segundo o relatório da Associação Brasileira da Música Independente – ABMI, de 2019/2020, o mercado da música independente encontra-se em considerável expansão, e mais da metade das músicas que atingiram o Top 200 do Spotify Brasil em 2019 (53,52%) pertencem aos independentes, ou seja, artistas que não possuem contratos com as grandes gravadoras.

É neste cenário que nasce a necessidade do projeto, uma vez que o movimento funk é, ainda, marginalizado, e há um certo preconceito por parte da mídia em promover eventos grandes ligados ao gênero musical, e quando apresentados ao público sua composição é inteiramente masculina.

É notório que não há espaço para mulheres neste cenário, e quando conquistado, são inseridas somente uma pequena parcela destas que compõem a cena musical, deixando a outra metade “de fora”. A concorrência feminina na cena musical, de modo geral, é moldada pela complexa dinâmica de poder e visibilidade, e embora as mulheres tenham conquistado um espaço significativo, o enfrentamento a desafios relacionados à objetificação e à marginalização dentro da indústria se mantém constante.

A competitividade entre essas artistas é geralmente fomentada pela mídia, sempre limitada pelas expectativas sociais que reforçam estereótipos de gênero. Entretanto, muitas artistas têm subvertido essas normas, utilizando do poder coletivo que a música independente possui de unir artistas com propósito em comum, como plataforma para reivindicar autonomia e desafiar as narrativas tradicionais que as restringem. Dessa forma, a concorrência feminina no funk não apenas expõe as desigualdades presentes, mas também evidencia a capacidade das artistas de transformarem o cenário musical e cultural.

O presente projeto propõe a realização de um festival exclusivamente composto por DJs mulheres cariocas, englobando representantes tanto da primeira quanto da nova geração do funk, com o intuito de proporcionar oportunidades de apresentação em um ambiente tradicionalmente dominado por homens. A iniciativa visa subverter a lógica de competitividade feminina a partir do reconhecimento do potencial artístico dessas mulheres e sua relevância no movimento funk. Ao reunir DJs de diferentes gerações, o festival não apenas celebra a trajetória e a diversidade das artistas femininas no gênero, mas também promove a troca de experiências e a construção de redes de apoio.

Este evento pretende desafiar a indústria musical, evidenciando a importância da inclusão e da equidade de gênero, além de fortalecer a presença feminina no cenário do funk. Através da criação de um espaço dedicado exclusivamente às mulheres, o projeto busca destacar suas contribuições artísticas, incentivar novos talentos e fomentar uma cultura de respeito e valorização no meio musical, contribuindo para a transformação e a democratização do ambiente festivo no funk. Além de, paralelamente, fomentar a formação técnica de mulheres que queiram compor tal comunidade artística através de oficinas.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O Festival Duelas tem como principal objetivo promover a valorização e o fortalecimento das mulheres no cenário do funk carioca por meio de um festival que subverte a lógica tradicional de rivalidade feminina, inserindo as mulheres em um novo cenário, promovendo uma reconfiguração nas interações entre elas dentro do meio musical. Além disso, almejamos aumentar a visibilidade das mulheres nesse contexto e examinar como essa iniciativa pode influenciar e transformar a cena atual do funk. O projeto visa, também, proporcionar qualificação e experiência profissional na arte da mixagem para entusiastas do funk carioca, que possuam o perfil de baixa renda, e, preferencialmente, residam nas áreas suburbanas do Rio de Janeiro, como zona norte, zona oeste e baixada fluminense, a fim de contribuir com a mitigação da reprodução das desigualdades sociais presentes nos locais de residência das participantes, garantindo acesso a ferramentas que possibilitem a entrada destas no mercado musical. O festival pretende configurar-se como um espaço de valorização do talento e da competência técnica das participantes, contribuindo para a construção de um cenário musical mais equitativo e inclusivo para as mulheres no universo do funk.

Objetivos Específicos

- Realizar o Festival, com 2 dias de evento, na cidade do Rio de Janeiro, no BCO. SPACE MAKERS, com lotação média de 500 pessoas. O festival terá duração de 4h por dia, ocorrendo no sábado e domingo, totalizando 8h de evento, atingindo um público de aproximadamente 1.000 pessoas. Serão 8 apresentações ao total, com 4 apresentações em dupla por dia;

- Realizar a curadoria de 8 DJs a partir da análise da relevância do trabalho de cada uma para a comunidade funkeira,

- Realizar a contratação de 8 DJs renomadas na cena do funk carioca e as 8 DJs iniciantes que participarão das oficinas oferecidas como contrapartida social no line up do festival.

- Realizar as devidas contratações, com antecedência de 60 dias, em média, garantindo o cumprimento da programação determinada além de todos os requisitos técnicos.

- Realizar a oficina de mixagem oferecida como contrapartida social, com duração de 3h por encontro, na Arena Carioca Jovelina Pérola Negra, localizada na Pavuna, para 8 mulheres. As inscrições serão realizadas a partir de preenchimento de formulário online, garantindo as medidas de vagas prioritárias;

- Realizar a abertura de vagas para 8 DJs iniciantes, com idades a partir dos 18 anos, para realizarem duplas com DJs renomadas. As inscrições das vagas serão realizadas através do formulário do google forms;

- Realizar 5 encontros sobre as técnicas de mixagem, ao longo de um mês com carga horária de 15h, ocorrendo sempre aos sábados das 14h às 17h;

- Disponibilizar material de formação teórica e equipamentos para a formação prática;

- Capacitar as participantes para carreira profissional artística;

- Emitir certificado e retornos de avaliação sobre o progresso individual de cada participante, através da análise dos sets enviados para as professoras das oficinas. Serão analisados os seguintes quesitos: técnica, curadoria musical, mixagens e fluidez do set.

ESTRUTURA DAS OFICINAS

Objetivo

Realizar 5 oficinas gratuitas com cinco aulas para DJs iniciantes de baixa renda que se interessam pela comunidade do Funk; a fim de compor o line up do festival junto com DJs renomadas da cena, proporcionando um espaço de aprendizagem e formação para quem não tem condições de estudar devidamente na área da música. As inscrições serão por meio do Google Forms.

Metodologias de Ensino

As oficinas serão realizadas dentro do período de 30 dias, com uma aula por semana com duração de três horas cada, totalizando 5 encontros e uma carga horária de 15 horas. As aulas serão no período vespertino, aos sábados. Ao fim das oficinas será analisado o desempenho de cada aluna, onde elas deverão gravar um DJ set de 30 minutos de apresentação, mostrando o que aprenderam para receberem o certificado de conclusão, onde serão analisados os seguintes quesitos: técnica, curadoria musical, mixagens e fluidez do set. Após o término das oficinas, as participantes irão compor o line up do festival juntamente as DJs renomadas da cena do funk.

Conteúdo Programático

ENCONTRO 1: Introdução ao DJing - Horário: 14h às 17h

- Apresentação dos participantes e dos instrutores;
- Visão geral do equipamento básico de DJ;
- Noções básicas de mixagem e beatmatching.

ENCONTRO 2: A História do Funk - Horário: 14:00 às 17:00

- Introdução ao surgimento do gênero no Brasil;

- A transformação do gênero e suas vertentes;
- O Funk como manifestação artística e seus elementos: Passinho, DJs e MCs.

ENCONTRO 3: Explorando Gêneros Musicais - Horário: 14:00 às 17:00

- Introdução aos diferentes gêneros musicais;
- Como selecionar e organizar músicas para sets de DJ;
- Prática de mixagem com diversos estilos musicais.

ENCONTRO 4: Técnicas de Mixagem - Horário: 14:00 às 17:00

- Aprofundamento em técnicas avançadas de mixagem.
- Uso de efeitos, transições criativas e como gravar os DJ sets.
- Exercícios práticos para aprimorar habilidades de mixagem.

ENCONTRO 5: Desenvolvimento Profissional - Horário: 14:00 às 17:00

- Construção da marca pessoal como DJ.
- Estratégias de promoção e networking.
- Discussão sobre oportunidades na indústria musical e próximos passos.

Público-alvo: Mulheres de baixa renda, com idade a partir de 18 anos.

Material didático: Será disponibilizado apostilas elaboradas e pensadas especialmente para as oficinas com base no conteúdo programático realizadas pelas professoras, e, serão oferecidos notebooks e controladoras para a execução das aulas práticas.

Professoras: As aulas das oficinas serão ministradas pelas duas DJs que estarão à frente da produção do festival: AKASAMA e Ellen Kellen.

Line-up:

DIA 1:

ALUNA 1 x ALUNA 2

ALUNA 3 x ALUNA 4

DJ INGRID x IASMIN TURBININHA

DJ EVA x JULIA BACELLAR

DIA 2:

ALUNA 5 x ALUNA 6

ALUNA 7 x ALUNA 8

DJ VICX x DJ ELLEN KELLEN

JUSTIFICATIVA

A cultura do funk tem sido um campo de batalha para as mulheres, que utilizam suas performances para desafiar as restrições impostas pela sociedade. Entretanto, a persistência de uma cultura de rivalidade entre as artistas femininas muitas vezes dilui o potencial transformador dessa resistência coletiva. O projeto, ao centrar-se na ideia de parcerias e no formato B2B (back-to-back), visa justamente enfrentar essa questão ao criar um ambiente onde as mulheres possam colaborar e se apoiar mutuamente, promovendo um senso de comunidade e solidariedade que é fundamental para a verdadeira emancipação dentro desse espaço.

A proposta deste trabalho é motivada pela necessidade de subverter a narrativa tradicional dentro do funk brasileiro, onde mulheres frequentemente são colocadas em papéis de rivalidade e competição, como observado em disputas como o "duelo da fiel e amante". Essa abordagem não só reforça estereótipos negativos, mas também limita o potencial colaborativo entre artistas femininas dentro do gênero. Através da criação de um festival que promove parcerias entre DJs de funk, a ideia central é transformar o espaço de competição em um de colaboração e apoio mútuo.

Esse projeto se baseia na prática do B2B (back-to-back), onde dois ou mais DJs se revezam ou tocam juntos em uma mesma apresentação. Esta prática se tornou popular nas décadas de 1980 e 1990 em clubes e festas de música eletrônica, aproveitando a interação entre os DJs para criar uma experiência mais dinâmica e envolvente para o público, explorando novas possibilidades musicais. A intenção é adaptar a prática ao contexto do funk e evidenciar o destaque da parceria e entrosamento entre as DJs, reafirmando mais uma vez a capacidade técnica da comunidade feminina em contraponto à necessidade midiática de uma falsa rivalidade.

O contexto em que as mulheres são inseridas na cena do funk brasileiro é marcado por uma dualidade entre empoderamento e opressão. Camila Giraut (2019) discute essa tensão ao discutir como as funkeiras brasileiras subvertem as expectativas tradicionais de gênero e utilizam suas vozes e performances como ferramentas de resistência e afirmação identitária. Através da prática do funk, essas mulheres desafiam normas sociais ao mesmo tempo que promovem uma sororidade

implícita, criando um espaço onde suas experiências são validadas e fortalecidas coletivamente.

No entanto, mesmo com esses avanços, ainda há uma prevalência de narrativas que colocam as mulheres em constante competição umas com as outras, o que limita o potencial transformador do funk enquanto veículo de empoderamento feminino. O projeto do festival visa justamente romper com essa dinâmica, alinhando-se ao conceito de sororidade abordado por Dias e Teixeira (1985), mas com um foco explícito em parcerias colaborativas, no formato B2B. Ao priorizar a colaboração sobre a competição, o festival propõe uma nova forma de engajamento entre DJs mulheres, fortalecendo não só suas carreiras, mas também a rede de apoio mútuo dentro do cenário musical.

Além disso, o projeto propõe uma contrapartida essencial: oficinas destinadas a DJs mulheres, especialmente do funk, focado em técnicas de mixagem. Considerando que os equipamentos e cursos de formação disponíveis são, em sua maioria, inacessíveis financeiramente, este workshop oferece uma oportunidade inclusiva para o desenvolvimento técnico dessas artistas.

As participantes selecionadas das oficinas terão a chance de se apresentar no festival ao lado de DJs já renomadas, fortalecendo ainda mais a rede de apoio e colaboração entre elas.

Segnini (2014) afirma que o mundo musical enquanto trabalho, seja ele duradouro, formal ou intermitente, é atravessado pela diferença nas formas de vivenciar o campo artístico a partir das trajetórias de homens e mulheres. Uma vez feito o recorte socioeconômico, fica inteligível a importância do funk enquanto propulsor de subsistência e do fazer artístico, dado as possibilidades de serviços que circundam a realização da manifestação cultural; que acaba por se configurar igual quanto a predominância masculina na análise desse território.

A escassez de profissionais femininas consolidadas na cena, é reflexo de o mercado de trabalho ser pautado por uma premissa machista e historicamente enraizada, já que a ocupação desse espaço enuncia a posição de poder daqueles que estão em sua maioria. Este fator implica diretamente no conteúdo a ser produzido e como ele irá chegar, uma vez que a aprovação masculina passa a ser

ponto fundamental para a consolidação do livre exercício da profissão DJ, e de algumas outras que não vale o aprofundamento neste projeto.

Giorgi (2022) explora como as práticas culturais dentro do funk têm sido um espaço significativo para a articulação de identidades e resistências, especialmente entre as mulheres. No cenário do funk, onde muitas vezes a expressão feminina é moldada por expectativas de competitividade e disputa, iniciativas que promovem a colaboração representam uma ruptura importante com as normas estabelecidas.

Aspectos como a qualidade do conteúdo, as informações apresentadas nesta proposta, bem como o atendimento a todas as exigências da legislação que regulamenta o uso do incentivo fiscal, demonstram que o projeto preenche todos os requisitos (formais e materiais) para pleitear a aprovação junto à Lei Federal de Incentivo à Cultura, enquadrando-se no Artigo 26 em razão de atender aos requisitos do segmento de música popular, tendo como base a aplicação do projeto na Lei Rouanet.

ESTRATÉGIAS DE AÇÃO / CRONOGRAMA

PRÉ PRODUÇÃO - Tempo estimado: 3 MESES

- Contratação de equipe;
- Reuniões de briefing e planejamento;
- Reserva de espaço e definição de datas;
- Taxas, alvarás, licenças;
- Demandas de divulgação: criação de identidade visual, site, peças gráficas, assessoria de imprensa, redes sociais;
- Parcerias institucionais;
- Abertura das inscrições para oficina de mixagem;
- Organizar/criar material das aulas teóricas;

PRODUÇÃO/EXECUÇÃO - Tempo estimado: 5 MESES

- Construção de cenários, figurinos, adereços para as DJs afim de complementar visualmente suas performances;
- Locação de estruturas;
- Contratação de equipes: credenciamento, segurança, brigadista, limpeza, ambulância;
- Divulgação do festival;
- Selecionar candidatas;
- Anunciar as selecionadas;
- Realização das oficinas;
- Fechar contratos com as atrações do Line Up;
- Montagem;

- Realização do festival;

PÓS-PRODUÇÃO - Tempo estimado: 2 MESES

- Pagamentos finais, encerramento de contratos;
- Relatórios de conclusão e prestação de contas.

CAPTAÇÃO DE RECURSOS - 10 MESES

- Período de captação de recursos para o projeto, podendo ser estendido durante toda fase de execução.

PLANO DE COMUNICAÇÃO / DIVULGAÇÃO

O projeto contará com:

- Assessoria de imprensa - responsável pela distribuição do release para os canais de comunicação, identificando os principais veículos locais e articulando entrevistas;

- Social Media - responsável pelas estratégias de divulgação nas redes sociais, utilização de ferramentas de impulsionamento e coordenação de conteúdo;

- Assessoria de comunicação - responsável pelas estratégias de comunicação do projeto com foco no público-alvo;

- Designer Gráfico - responsável pela diagramação e pelo desenvolvimento da identidade e de outros elementos visuais para transmitir as informações e detalhes do projeto.

As principais estratégias de divulgação do projeto envolvem:

- Pesquisa local e direcionamento de conteúdos específicos: avaliar a cobertura de eventos culturais e musicais por meio de mídias locais; conduzir grupos focais com membros do público-alvo para discutir suas preferências de mídia e formatos de comunicação; criar materiais promocionais adaptados às preferências e aos hábitos de consumo de mídia do público carioca como jornais, revistas e blogs especializados; participar de entrevistas em podcasts relevantes na cena musical para aumentar a visibilidade do festival como o “Papo de Música”;

- Distribuição de press release: para entrevistas, matérias em sites, blogs, jornais e revistas de conteúdo musical, além da coleta periódica dos resultados de divulgação para análise e atualização;

- Presença digital: utilizar plataformas sociais populares, como Instagram, Facebook e Twitter, para divulgar o festival; criar campanhas específicas com conteúdo visual atraente, com vídeos e imagens das DJs;

- Parcerias institucionais: parcerias com museus e centros culturais locais que dialoguem com o tema em suas programações para ajudarem a promover o festival através de suas redes e eventos como o Museu de Arte do Rio e o Centro Cultural Oi Futuro; parcerias com grupos que oferecem suporte a mulheres em carreiras

artísticas e musicais como a WME e patrocínio ou colaboração em campanhas promocionais com marcas que estão alinhadas com a estética e o público do festival como a Kenner;

- Influenciadores digitais: colaborar com influenciadores e personalidades locais que compartilhem o interesse pelo funk carioca e possam promover o festival para seus seguidores;

- Mídia Internet: Anúncios em Facebook, Instagram, YouTube, Search, Display, Portais de entretenimento;

- Programação visual: desenvolver materiais visuais que sejam atraentes e relevantes para o público-alvo, incorporando elementos que destaquem a identidade do festival e a presença das DJs mulheres e aplicá-los em banners, cartazes, flyers e nas redes sociais;

- Mídia Impressa: desenvolver anúncios e artigos para revistas e jornais especializados em música e cultura no Rio de Janeiro, enfatizando a importância do festival e o perfil das DJs participantes;

- Mídia radiofônica: Spots de rádio de 30', aproximadamente 200 spots por mês;

- Mídia OOH/DOOH: utilizar painéis publicitários digitais em áreas de grande visibilidade, como shoppings, estações de metrô e rodoviárias; implementar outdoors em pontos estratégicos da cidade, como avenidas movimentadas e áreas de alto tráfego e anunciar em ônibus, metrôs e terminais de transporte público;

- Seeding para influencers: 14 kits de brindes para Influenciadores digitais;

O projeto terá grande presença digital e serão aplicadas as ferramentas e 35 estratégias necessárias para atingir o maior público potencial. Como forma de mensurar o alcance de mídia e presença digital, serão adotadas as seguintes medidas:

- Digital: apresentação de relatório de tráfego das redes sociais, relacionando os posts impulsionados e o alcance de cada ação.

- Mídia: clipagem e apresentação de relatório de centimetragem, contendo os veículos de divulgação e o alcance de cada ação.

- TV, rádios, jornais e revistas: serão priorizados veículos locais e será contratada assessoria de imprensa e comunicação para negociação com os veículos mais indicados para o perfil do projeto.

ACESSIBILIDADE

Medidas de acessibilidade no aspecto arquitetônico:

- O local selecionado para receber o “Festival Duelas” conta com acessibilidade arquitetônica, com base na lei de acessibilidade, e deve estar adaptado para atender pessoas com dificuldades de locomoção, com rampas de acesso e/ou piso tátil e instalações sanitárias adequadas.

Medidas de acessibilidade para PcD auditivo:

- Disponibilizar intérpretes de Libras em tempo real durante as apresentações musicais do festival e, disponibilizar posteriormente, no canal do Youtube;

- Serão disponibilizados materiais informativos sobre o festival em formato de vídeo com tradução para Libras. Esses materiais irão incluir informações sobre a programação, mapa do evento, regras de segurança, acessos, e orientações gerais. Os vídeos serão compartilhados nas redes sociais do evento e em pontos estratégicos no local do evento, como nas entradas e áreas de convivência.

Medidas de acessibilidade atitudinal:

- Serão adotadas medidas de acessibilidade atitudinal para garantir a inclusão e a participação de todos os indivíduos, independentemente de suas características ou condições:

1. Capacitação da equipe do evento como produção, segurança e atendimento para instruir sobre a comunicação e o tratamento adequado a pessoas com deficiência;

2. Implementar campanhas de sensibilização dirigidas ao público geral do festival promovendo a empatia, respeito e solidariedade com sinalizações que incentivem o respeito à diversidade e à inclusão, abordando preconceitos e estereótipos que possam estar presentes;

3. Inclusão de pessoas com deficiência no processo de execução do festival;

4. O festival deve estabelecer políticas de acesso e inclusão, que não apenas garantam a presença de infraestrutura acessível, mas também assegurem que todos os participantes sejam tratados com dignidade e respeito;

5. A comunicação do festival será concebida de forma inclusiva com a disponibilização em formatos acessíveis como audiodescrição e legendas.

6. O festival irá promover um ambiente acolhedor onde todos os participantes se sintam seguros e respeitados, com implementação de uma política de tolerância zero a qualquer forma de discriminação, assédio ou comportamento excludente.

DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO

Visando a democratização e ampliação do acesso aos produtos culturais serão adotadas as medidas de democratização de acesso em conformidade com o exposto no artigo 29 Instrução Normativa N° 11, DE 30 DE JANEIRO DE 2024 do Ministério da Cultura:

II - Mínimo de 10% (dez por cento) para distribuição gratuita com caráter social ou educativo;

Haverá distribuição gratuita de 60% dos ingressos e 40% a preço popular, além de acesso livre ao festival para pessoas trans e de baixa renda.

E em conformidade com o exposto no artigo 30 Instrução Normativa nº 1/2023 do Ministério da Cultura:

IV - Disponibilizar, na Internet, registros audiovisuais dos espetáculos, das exposições, das atividades de ensino, e de outros eventos referente ao produto principal;

Haverá gravação dos sets a serem disponibilizados posteriormente na plataforma digital YouTube;

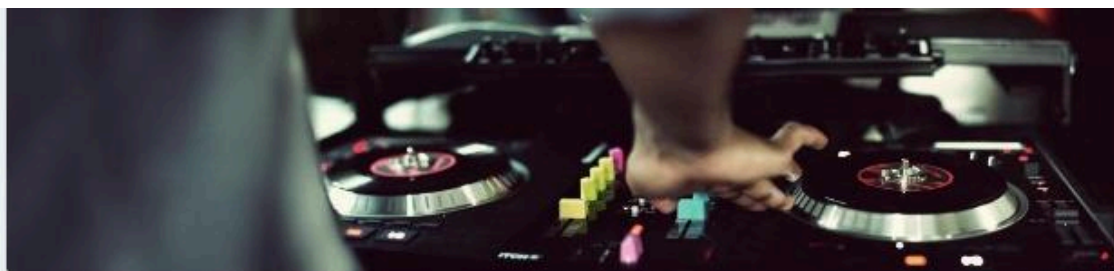
VI - Realizar gratuitamente atividades paralelas ao projeto;

O projeto conta com uma programação de oficinas de mixagem com caráter de formação voltada para DJs mulheres iniciantes de baixa renda.

ORÇAMENTO

VALORES				
DESCRIÇÃO	UNIDADE	QUANTIDADE	UNITÁRIO	TOTAL
Nome do projeto: Festival Duelas				
Tempo de duração em meses: 10 meses				
Indicação da linguagem: Música				
Custo total do projeto: R\$ 248.200,00				
PRÉ-PRODUÇÃO (3 meses)				
Coordenação geral do projeto	cachê	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Produção executiva	mês	3	R\$1.500,00	R\$ 18.000,00
Direção musical e curadoria	mês	3	R\$ 1.500,00	R\$ 4.500,00
Assistente de produção	mês	3	R\$ 500,00	R\$ 1.500,00
Projeto de cenário	cachê	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
Produção Back Office	mês	3	R\$ 800,00	R\$ 2.400,00
TOTAL				R\$ 32.900,00
PRODUÇÃO (6 meses)				
Locação de equipamento de som (CDJ 2000)	diária	2	R\$10.000,00	R\$ 20.000,00
Confecção de cenário	verba	1	R\$1.500,00	R\$ 1.500,00
Tradução em libras	cachê	4	R\$800,00	R\$ 3.200,00
Monitores de acessibilidade	cachê	4	R\$500,00	R\$ 2.000,00
Segurança	verba	8	R\$2.000,00	R\$ 16.000,00
Ambulância	verba	2	R\$1.000,00	R\$ 2.000,00
Cachê DJs	cachê	16	R\$3.000,00	R\$ 48.000,00
Técnico de som	serviço	2	R\$1.200,00	R\$ 2.400,00
Técnico de Luz	cachê	2	R\$1.200,00	R\$ 2.400,00
Locação de equipamentos de som	serviço	2	R\$2.000,00	R\$ 4.000,00
Produção executiva	mês	6	R\$1.500,00	R\$ 9.000,00
Produção Administrativa	mês	6	R\$800,00	R\$ 4.800,00
Assistente de produção	mês	6	R\$500,00	R\$ 3.000,00
Locação de espaço	projeto	1	R\$30.000,00	R\$30.000,00
Diárias com alimentação	mês	5	R\$1.500,00	R\$7.500,00
Material Didático - Oficinas	verba	1	R\$3.000,00	R\$3.000,00
Palestrantes - Oficinas	cachê	2	R\$1.500,00	R\$3.000,00
Aluguel de equipamentos para realização das oficinas - Notebooks	verba	2	R\$1.000,00	R\$2.000,00
Aluguel de equipamentos para realização das oficinas - Controladoras	verba	2	R\$800,00	R\$1.600,00
TOTAL				R\$ 165.400,00
DIVULGAÇÃO E REGISTROS				
Assessoria de Imprensa	mês	6	R\$ 1.500,00	R\$ 9.000,00
Agência de mídias	mês	6	R\$2.500,00	R\$ 15.000,00
Fotos para divulgação	serviço	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
Impulsionamento de publicação	verba	1	R\$ 2.200,00	R\$ 2.200,00
Banner	verba	1	R\$500,00	R\$ 500,00
Cobertura Fotográfica	serviço	2	R\$5.000,00	R\$ 10.000,00
Gravação dos sets	serviço	2	R\$5.000,00	R\$ 10.000,00
TOTAL				R\$ 47.700,00
ADMINISTRATIVO (1 mês)				
Prestação de Contas	cachê	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
Contador	cachê	1	R\$ 700,00	R\$ 700,00
Assessoria Jurídica	cachê	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
TOTAL				R\$ 2.200,00
TOTAL DO PROJETO				R\$ 248.200,00

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO



Formulário de Inscrição - Projeto Duelas: Oficinas de Mixagem Para Mulheres

B *I* U ↻ ✖

As oficinas a tem o propósito de oferecer capacitação profissional gratuita, conectando as mulheres que se interessam pela cultura do funk e pela arte da mixagem. As oficinas ocorrerão dentro de um mês, com uma aula por semana e contendo três horas cada aula, totalizando 5 encontros. As aulas serão no período vespertino, aos sábados.

Nome *

Nome e sobrenome

Texto de resposta curta

E-mail *

Texto de resposta curta

Qual sua idade? *

Texto de resposta curta

Número de telefone *

Texto de resposta curta

Envie uma carta de apresentação contando um pouco da sua relação com o funk e seu interesse em fazer parte das oficinas *

Texto de resposta longa

Seu interesse em aprender a arte da mixagem seria por hobby ou interesse profissional? *

- HOBBIE
- PROFISSIONAL

Você já fez algum curso de discotecagem anteriormente? *

- SIM
- NÃO

Você reside em qual área do Rio de Janeiro? *

- ZONA NORTE
- ZONA OESTE
- BAIXADA FLUMINENSE

Você teria disponibilidade para 5 encontros? Sendo estes a serem realizados no período de um mês a ser definido *

- SIM
- NÃO

Qual sua renda bruta mensal? *

- ATÉ UM SALÁRIO MÍNIMO
- ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
- MAIS QUE 3 SALÁRIOS MÍNIMOS

Link de acesso: <https://forms.gle/YGaBvvdrcJPAfEv28>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VIANNA, Hermano. **Funk e cultura popular carioca**. Rio de Janeiro UFRJ - Revista Estudos Históricos, v. 3, n. 6, 1990 p. 244-253.

BARBACOVÍ LIBARDI, Guilherme. **Como elas fazem e ouvem funk em Porto Alegre: estratégias de autopromoção midiática e práticas de consumo**. Tese (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 100-130.

FONSECA DE AMORIM, Márcia. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 187. 2009.

COIMBRA HONORATO, Rayssa. **Das pistas para as cabines: as djs da cena de música eletrônica de pista de Brasília**. Tese (Bacharel em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, p. 33. 2018.

BARCELOS CARVALHO LIMA BESCHIZZA, Christian. **Uma introdução ao funk carioca: trajetória inicial e um guia bibliográfico para futuras pesquisas**. VOL 9, Nº 2, 2015.

ROLFSEN PETRILLI SEGRINI, Liliana. **Os músicos e seu trabalho: diferenças de gênero e raça**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.26, n.1, p. 75-86. 2014.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

DA SILVA BRAGANÇA, Juliana. **Sexualidade feminina: a mulher por ela mesma no movimento funk carioca**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

DE OLIVEIRA, R. N.; MOREIRA, F. F. **Funk Carioca: o cheiro que incomoda**. VI Congresso Internacional De Estudos Sobre A Diversidade Sexual E De Gênero Da ABEH. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

DUPRAT, Régis. **Fruição, Sedução e Produção: O Papel da Mulher na Música.** Música em Perspectiva, v. 1, n. 1, p. 5-13, mar. 2008.

DIAS, Maria Luiza; TEIXEIRA, Geni. **O Feminismo no Brasil: Crítica e Propostas.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GHEZZI, Patricia. **A música popular brasileira e seus contextos culturais.** São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

GIRAUT, Camila. **Funk e Feminismo: Desafios e Possibilidades no Funk Carioca.** Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.

SEGNINI, Sergio. **O Mundo do Trabalho Musical: Durabilidade, Formalidade e Intermittência.** São Paulo: Editora Cortez, 2014.

GIORGI, Ana Paula. Identidades e resistências no funk: práticas culturais e espaços de expressão. Revista Brasileira de Estudos Culturais, v. 15, n. 2, p. 45-68, 2022.

G1. Mercado hostil, masculinizado e focado em sexualização: mulheres relatam dificuldades para produzir funk em SP. G1 São Paulo. 26 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/06/26/mercado-hostil-masculinizado-e-focado-emsexualizacao-mulheres-relatam-dificuldades-para-produzir-funk-em-sp.g.html>.

HELLOMOTO. Todas podem mixar, sim! Hello Moto. Disponível em: <https://www.hellomoto.com.br/todas-podem-mixar-ms/>.

ESTUDE O FUNK. Residência artística. Estude o Funk. Disponível em: <https://www.estudeofunk.com.br/residencia-artistica/>.